



Resenha

Book Review

MARCO ANTÔNIO SOUSA ALVES UMA GENEALOGIA DO AUTOR: A EMERGÊNCIA E O FUNCIONAMENTO DA AUTORIA MODERNA

Otávio Morato de Andrade

[0000-0002-0541-7353](https://orcid.org/0000-0002-0541-7353)

otaviomorato@gmail.com

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais / Université libre de Bruxelles

Recebido: 02/02/2025

Received: 02/02/2025

Aprovado: 17/02/2025

Approved: 17/02/2025

Publicado: 06/03/2025

Published: 06/03/2025



O que significa ser um autor? Criar, assinar, possuir? Não raro, tomamos a figura autoral como uma noção fixa, que sempre existiu ao longo das diferentes épocas e contextos. O filósofo Marco Antônio Sousa Alves nos mostra que estamos diante de algo mais amplo: a figura autoral emergiu gradativamente ao longo dos séculos, transformada por dispositivos de poder, mecanismos de exclusão e normatização econômica. O livro de Alves, *Uma genealogia do autor: a emergência e o funcionamento da autoria moderna* (Editora UFMG, 2021, 478p.) rastreia as origens deste fenômeno, perguntando *o que é* – e igualmente importante – *como surgiu e como funciona* o autor que conhecemos hoje.

Não é de hoje que o tema provoca inquietações. A *Factory* de Andy Warhol questionou cinicamente a noção de autoria individual: celebrando a reprodução mecânica, imprimia e vendia obras de arte com ritmo e lucros industriais. O escritor Jorge Luis Borges (2007) explorou a fluidez da autoria citando adágios, escritores e até livros inexistentes. Fernando Pessoa (1988; 2011) expandiu os limites do “eu” autoral por meio de seus heterônimos. No cinema, Godard (2014), Tarkovsky (1975) e outros diretores desestabilizaram a figura do autor como centro do discurso ao fragmentar a narrativa tradicional.

No campo acadêmico, Roland Barthes (1968) chegou a proclamar a “morte do autor” em favor do “nascimento do leitor”. Reagindo a Barthes, Foucault (1969; 1970; 2001) deu enfoque distinto ao tema, ao investigar a consolidação da figura do autor enquanto princípio organizador dos discursos. Roger Chartier (2021) revisitou criticamente os textos Foucaultianos, abrindo ricas divergências no tocante, por exemplo, ao anonimato, à relevância da circulação material do livro e à origem da propriedade literária.

Seguindo o rastro de Foucault e Chartier, de quem foi aluno em Paris, Alves avança as reflexões de seus predecessores, explorando a tese geral de que função-autor não decorre exclusivamente da prática da escrita, mas emerge no seio de um sistema discursivo que a legitima e regula. Alves começa rastreando as raízes da autoridade do autor na cultura medieval, e encerra sua análise no fim da Idade Moderna, delimitação temporal que lhe permite vislumbrar mais detidamente as nuances, estruturas e tensões que moldaram a autoria entre os séculos e XIV e XVIII. Apesar da ampla pesquisa histórica, sua abordagem não persegue uma linha evolutiva ou contínua da trajetória autoral, mas examina criticamente as rupturas e descontinuidades a ela iminentes.

A escolha de Foucault como referencial teórico revela-se acertada: mais de quarenta anos após a morte do filósofo francês, desconhece-se cabedal analítico tão vigoroso e completo para se analisar as relações de poder. E, se há algo de constante na *autoria*, é que

esta não é definida somente pela criatividade ou pela originalidade, mas sobremaneira pelos jogos de força a ela inerentes. Diante das disputas e resistências que permeiam a questão autoral, uma investigação genealógica é muito conveniente para mapear os mecanismos de poder que tradicionalmente regularam a produção intelectual moderna.

Uma genealogia do autor... divide-se em duas partes. A primeira, “A autoria em questão” (Capítulos 1, 2, 3 e 4), empreende uma análise crítica da autoria enquanto conceito historicamente construído, mostrando como sua função foi estruturada por dispositivos de poder e instituições que regulam o conhecimento. A segunda parte, “A construção do autor moderno” (Capítulos 5, 6 e 7), examina como o autor se estabeleceu como autoridade intelectual, tornou-se alvo de diferentes formas de censura e regulamentação, para finalmente ser reconhecido como proprietário de sua obra e formador de opinião respeitado. Faremos um rápido sobrevoo por cada um dos capítulos a seguir.

*

Alves inicia seu livro em diálogo com Michel Foucault, no intuito de abordar a emergência da função-autor e seus desdobramentos. O Capítulo 1 abre a caixa de ferramentas do filósofo francês para explorar a noção de *genealogia e dispositivos de poder*, demonstrando como os discursos regulam a produção do conhecimento e determinam quais vozes são legitimadas. A *função-autor* aparece como um mecanismo de controle que classifica, exclui e hierarquiza discursos dentro de um campo normativo. Nesta direção, Alves dá um valioso aviso aos navegantes: o “autor” não é mera decorrência de uma elite e seus bens de produção (como a prensa); é preciso considerar deslizamentos do sujeito e também as *facetas produtivas* do poder – mais do que o controle e a dominação, também as ultrapassagens, liberações, lutas e resistências que constituem novas experiências de pensamento.

O segundo capítulo, “O funcionamento da função-autor”, explora como a autoria firmou-se como princípio organizador dos discursos, assegurando a coerência e a autenticidade dos textos. Na transição do medievo para a modernidade, verifica-se o deslocamento da *autoridade divina* para o *autor autoridade*: portador de uma palavra que transforma o mundo, o autor passa a ser visto como *alguém em quem se pode confiar*. Este capítulo também destaca como as instituições acadêmicas, editoriais e jurídicas desempenharam um papel central na normalização da autoria.

No terceiro capítulo, “Uma história da figura autoral”, o livro percorre a transformação da autoria desde a Antiguidade até a modernidade. Particularmente interessantes os trechos em que Alves detalha o caráter coletivo e/ou anônimo na tradição grega e medieval, enquanto a modernidade promoveu a individualização e a propriedade

intelectual do conhecimento. Ainda, este capítulo analisa como as mudanças nas práticas editoriais e nos sistemas de censura reforçaram a noção de autoria enquanto forma de autoridade legítima.

O quarto e derradeiro capítulo da primeira parte, “Os mecanismos do poder autorial”, aprofunda a relação entre autoria e poder, examinando como a economia e mesmo a biopolítica ajudaram a esculpir a função-autor. A modernidade transformou o autor em um sujeito regulado por dispositivos disciplinares e mercadológicos, consolidando sua visibilidade e legitimidade. Daí a se dizer que a autoria, para além de ser um ato criativo, é também um *efeito das normas* que determinam o que pode ser reconhecido como produção intelectual. Mais do que um simples nome na capa de um livro, o autor tornou-se, portanto, resultado das estruturas e modulações que operam sobre a criação intelectual e a circulação do conhecimento ao longo dos séculos.

Na segunda parte do livro, “A construção do autor moderno”, Alves explora as diferentes formas pelas quais o autor foi moldado na modernidade. O quinto capítulo, “O autor como autoridade”, analisa como a modernidade consolidou a autoria como um eixo de autoridade intelectual, desvinculando-se progressivamente de sua função coletiva ou anônima da Idade Média. A partir dos séculos XVI e XVII, a figura do autor é instrumentalizada para controlar a circulação do conhecimento e legitimação de discursos. O autor moderno manifesta-se, então, como criador e também enquanto referencial de poder na organização do saber.

Tal ascensão, contudo, será acompanhada de mecanismos de controle e vigilância estatal, tais como a censura e o privilégio real, que regulavam a publicação e distribuição das obras. O sexto capítulo mostra que, especialmente durante os séculos XVII e XVIII, escritores recorriam a publicações clandestinas e pseudônimos – o intelectual destacado poderia ser, ao mesmo tempo, *um inimigo do poder*. Alves evidencia esse embate entre autoria e repressão relatando casos históricos, como os de escritores perseguidos (Voltaire, Rousseau, Milton, etc.), obras proibidas e estratégias de resistência.

No sétimo e último capítulo, Alves avalia a consolidação da autoria como propriedade privada no século XVIII, impulsionada pelo mercado editorial e pelo surgimento dos direitos autorais. Legislações como o Estatuto da Rainha Ana (1710) e a Lei de Direitos Autorais Francesa (1793) formalizaram o domínio do autor sobre sua obra, inserindo-o nas dinâmicas econômicas e reforçando a mercantilização da criação intelectual. Esse “poder”, no entanto, não é absoluto nem isento de tensões, como revelam as ingerências dos editores e pressões da crítica pública e especializada.

As considerações finais do livro enfatizam que a questão autoral permanece em transformação, influenciada por processos históricos e pela crescente mediação tecnológica. Alves declara que, mais do que um fim em si, sua análise visa provocar novas investigações, despertando no leitor a inquietação necessária para ampliar esse debate.

*

A investigação de *Uma genealogia do autor...* encerra-se no final do século XVIII, o que não significa dizer que esta obra envelhecerá mal. Ao contrário: diante das rápidas transformações que assistimos na contemporaneidade, a empreitada de Alves adquire crescente valor para novos pesquisadores, ao revelar a autoria como uma arena de disputas e contingências, na qual uma multiplicidade de forças interage continuamente. Com efeito, existe neste livro bastante matéria-prima para aqueles que pretendem se debruçar sobre a questão da autoria na contemporaneidade.

A era digital coloca em xeque a noção moderna de autoria, a começar dos modelos comerciais e das formas de controle sobre os quais essa função foi construída (Alves, 2015). Além disso, plataformas colaborativas, redes sociais e algoritmos geradores de texto desafiam a própria centralidade do autor como figura de legitimação do discurso. A popularização da IA generativa complicou esse processo: *Chatbots* agora produzem conteúdos apócrifos e possibilitam que terceiros se apropriem, ressignifiquem e remixem o conhecimento existente, borrando as fronteiras entre criação e reprodução. Por fim, a própria forma de encontrar e consumir conteúdo passou a ser modulada algorítmicamente (Andrade, 2022).

Diante dessas transformações profundas, a genealogia de Alves contém elementos valiosos que nos permitem formular novas perguntas acerca da (des)construção da figura autoral. A partir dela, levantam-se questões pertinentes à crise autoral na atualidade: a “colaboração” com algoritmos enfraquece ou fortalece o papel do autor? O autor desaparecerá em meio às apropriações e remixes algorítmicos, eventualmente em favor de uma escrita rizomática, acêntrica, universal – e, por que não, *open source* (Novaes e Andrade, 2025)? Ou, ao contrário, a autoria individual se afirmará como selo de valor intelectual, face à crescente urgência de diferenciar a criação humana da produção automatizada? Qual será o próximo ciclo dessa transformação que nos obriga a repensar, incessantemente, quem cria, quem assina e quem possui? *Uma genealogia do autor...* nos mostra que a pergunta sobre quem escreve nunca se esgota. Afinal, como pensar o conhecimento – e seu futuro – sem refletir sobre aqueles que o produzem?

Referências Bibliográficas

ALVES, Marco Antônio Sousa. *Uma genealogia do autor: a emergência e o funcionamento da autoria moderna*. Editora UFMG, 2021.

ALVES, Marco Antônio Sousa. A autoria em questão a partir de Foucault: autor, discurso, sujeito e poder. *Matraga*, vol. 22, no. 37, jul./dez. 2015, pp. 79-81, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, doi:10.12957/matraga.2015.19932.

ANDRADE, Otávio Morato de. *Governamentalidade algorítmica: democracia em risco?* São Paulo: Dialética, 2022. 224p.

BARTHES, Roland. La Mort de l'Auteur. *Manteia*, no. 5, 1968

BORGES, Jorge Luis. *Ficções* (1944). Traduzido por Davi Arrigucci Jr., Companhia das Letras, 21 nov. 2007.

CHARTIER, Roger. *O que é um autor?: Revisão de uma Genealogia*. EdUFSCar, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Qu'est-ce qu'un auteur?* [1969] Paris, Gallimard, 2001, v. I, Dits et Écrits.

FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours: leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris: Gallimard, 1971.

GODARD, Jean-Luc, director. *Adieu au langage*. 2014.

NOVAES, Thiago; ANDRADE, Otávio Morato de. Máquinas abertas e rizomáticas: reflexões sobre o software livre/open-source. No prelo. 2025.

TARKOVSKY, Andrei, director. *Zerkalo (Mirror)*. 1975.

PESSOA, Fernando. *Ode Triunfal e Outros Poemas*. 1ª ed., Global, 1988.

PESSOA, Fernando. *O Guardador de Rebanhos e Outros Poemas*. Cultrix, 29 mar. 2011.

Otávio Morato de Andrade

Doutorando em Direito (UFMG/Université Libre de Bruxelles). Mestre em Direito (UFMG) e pós-graduado em Direito Civil (PUC-MG). Bacharel em Direito (UFMG), Administração (PUC-MG) e Contabilidade (PUC-MG). É autor do livro ‘Governamentalidade algorítmica: democracia em risco?’ (2022). Possui artigos científicos publicados nacional e internacionalmente, tratando de neurociência, economia comportamental, inteligência artificial, tecnologia e Direito. Ministrou aulas, palestras e conferências no campo do Direito Civil. Membro da Comissão de Inteligência Artificial da OAB/MG e do grupo de estudos SIGA/UFMG. É Editor-Chefe da Revista do CAAP, no âmbito da Faculdade de Direito da UFMG.

Os textos deste artigo foram revisados por terceiros e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação